CADERNOS do APLICAÇÃO
Pesquisa e Reflexão em Educação Básica

ISSN 2595-4377
https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao
Porto Alegre | v. 37 | n. 1 | 2024
https://doi.org/10.22456/2595-4377.146249

Apresentação da Temática Especial 1: História e memória do Colégio de Aplicação da UFRGS: 70 anos de ensino, de extensão e de pesquisa

O senhor sabe?: não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco caroço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a idéia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. Às vêzes não é fácil. Fé que não é (ROSA, 1965, p. 135).

O ano de 2024 é marcado por uma série de efemérides que rememoram acontecimentos importantes da História do Brasil. São datas relacionadas ao que se convencionou chamar de "anos redondos". Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), comemoram-se os 90 anos da sua criação e os 70 anos de fundação do Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp-UFRGS).

Entre as datas redondas lembradas em 2024, várias se referem a acontecimentos da história política nacional. Muitas delas fizeram parte da trajetória do CAp-UFRGS. Em 70 anos de história (1954-2024), o CAp-UFRGS, como é carinhosamente denominado pela comunidade escolar, passou por diferentes contextos – sociais, políticos e econômicos –, os quais impactaram na sua história e nas práticas pedagógicas desenvolvidas por seu corpo docente. Entre os acontecimentos políticos, podemos citar o ano de 1954, em que ocorreu a fundação do colégio. Aquele ano foi marcado pela crise política que culminou com o suicídio do presidente Getúlio Vargas. Em Porto Alegre, assim como ocorreu nas principais cidades do país, o povo saiu às ruas para demonstrar sua tristeza e sua revolta com a morte de uma de suas maiores lideranças políticas. Dez anos depois, em 1964, um presidente eleito democraticamente foi apeado do poder por forças reacionárias, civis e militares. As medidas repressivas logo se fizeram sentir, tanto na UFRGS quanto no CAp-UFRGS e professores/as e estudantes considerados/as subversivos/as foram expurgados/as dessas instituições de ensino. Em 1984, os brasileiros e as brasileiras tomaram as ruas do país exigindo Diretas Já! No ano de 2014, o Brasil reelegeu Dilma Rousseff à presidência da República, a primeira mulher a ocupar a chefia do Poder Executivo no país. Dez anos depois, em 2024, logo após a democracia brasileira ter estado à beira do precipício com a intentona golpista de 8 de janeiro de 2023, rememoramos mais uma vez o golpe de 1964. Rememorar é aqui entendido como um ato de resistência às tentativas de apagamento de um período da nossa História recente que deixou marcas indeléveis para todos/todas aqueles/as que se envolveram com a luta contra o golpe militar e contra a ditadura. Inclusive em professores/as e estudantes do CAp-UFRGS.

https://doi.org/10.22456/2595-4377.146249

Todos esses acontecimentos políticos, assim como o tempo de pandemia e de pós-pandemia, tiveram consequências no funcionamento e nas práticas pedagógicas desenvolvidas nas universidades e nas escolas, públicas e privadas, brasileiras. Na UFRGS e no CAp-UFRGS, não foi diferente. Foram anos de muitas lutas e de contundentes resistências!

Considerando tais marcos, o presente dossiê buscou captar artigos acadêmicos e relatos de experiências, além de entrevistas, tanto no universo do ensino quanto nas esferas da extensão e da pesquisa, que reflitam sobre o CAp-UFRGS e suas práticas pedagógicas como uma construção histórica, que foi se transformando ao longo de 70 anos e, hoje, revela sua atual identidade, a qual constitui uma das esferas de atuação da universidade.

Com a transferência do Cap-UFRGS do Campus Central para o Campus do Vale, em 1996, se intensificou um processo de transformação do perfil do seu corpo discente, que refletiu diferentes políticas públicas a partir das quais as portas do CAp-UFRGS se abriram para estudantes de baixa renda, estudantes autodeclarados/as negros/as e estudantes público-alvo da educação especial. Trata-se de parcelas da população da Grande Porto Alegre que, em outros períodos, não tinham tido acesso a essa instituição escolar.

O presente dossiê também tem como objetivo congregar estudos acadêmicos e relatos de memórias sobre a contribuição CAp/UFRGS à Educação Básica e à formação de professores/as, por meio de atividades e de projetos no âmbito do ensino, da extensão e da pesquisa.

Os textos desta coletânea nos remetem para o conceito de *escrevivência* cunhado por Conceição Evaristo. Escrevivência, como a própria autora define, é um diálogo entre "escrever e viver" e "se ver". São relatos e reflexões tidas a partir da trajetória de cada autor, de cada autora no CAp-UFRGS, instituição que foi cenário formativo para cada um/uma que compôs seu texto para esse dossiê. A *escrevivência*, portanto, retoma a memória, palavra central que permeia a tessitura do que encontramos nos relatos.

São distintas as experiências e as memórias de discentes, de docentes e de servidores/as técnico-administrativos/as que tiveram sua formação ou sua atuação profissional nas diferentes sedes do CAp-UFRGS (no Campus Central, nas salas de aulas de madeira ou no prédio de alvenaria da FACED, ou no prédio atual, desde 1996, no Campus do Vale). São essas experiências singulares, portanto, que aparecem nos artigos, nos relatos de experiência e nas entrevistas publicados no presente dossiê.

No seguimento das reflexões apresentadas, soma-se outro conceito fundamental que ecoa em boa parte dos textos publicados, qual seja o de *grupo*. Se as memórias relatadas de distintas formas, seja por entrevista, seja por estudos científicos e seus desdobramentos, são possíveis é porque existe um grupo ou um coletivo, como contemporaneamente temos definido este conceito, que constitui o espaço que é o CAp-UFRGS. Apesar dos distintos tempos, bem como diversos pensamentos e múltiplas áreas do conhecimento, podemos conceber certa unidade ao grupo de docentes que compõem o colégio, considerando a sua formação e o seu espírito inovador instigado pelo espaço do colégio.

Nesse sentido, o CAp-UFRGS conta com doutores/doutoras e com mestres/mestras em seu coletivo, os/as quais por meio de suas aulas, de seus projetos de pesquisa e de seus projetos de extensão e de ensino repercutem suas reflexões em suas práticas e em suas produções acadêmicas. Bourdieu (1996, p. 111), ao tratar sobre a representação no meio social, afirma: "O poder sobre o grupo a que se pretende dar existência enquanto grupo é, ao mesmo tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, e, portanto, uma visão única de sua identidade e uma visão idêntica de sua

https://doi.org/10.22456/2595-4377.146249

unidade". Transplantando as ideias bourdieusianas ao contexto tratado nesta Apresentação, podemos observar que, princípios democráticos que regem a escola, assim como as possibilidades de trabalho desenvolvidas, fazem o grupo de professores/professoras ter certa identidade comum. As distintas perspectivas teóricas, bem como temporalidades de formação de cada educador/educadora reverberam em distintos projetos e em diversas experiências que são apresentadas, por exemplo, nos artigos em comemoração aos 70 anos do CAp-UFRGS. As funções, desempenhadas em diferentes espaços administrativos da escola também, permitem uma mobilidade interessante ao corpo docente contribuindo para ações de desenvolvimento e de melhoria da escola, ao mesmo tempo que refletem experiências diversas que auxiliam na construção da identidade de cada professor/professora da escola.

Os conhecimentos trazidos no *lócus* do CAp-UFRGS ou de outras instituições de ensino básico federal corroboram a ideia de este ser um espaço promissor e ideal para refletir e para testar as teorias desenvolvidas em contexto acadêmico, tanto pelos/as docentes quanto pelas parcerias realizadas com o ensino superior. Os artigos que partem de experiências em sala de aula ecoam o que tem se defendido nesta apresentação, ou seja, a importância do CAp-UFRGS como ambiente inovador que contribui ao ensino democrático e à formação humana integral de seu corpo discente.

Desta forma, este dossiê, enquanto comemora o aniversário de uma das instituições de ensino público federal mais reconhecidas no estado do Rio Grande do Sul, também exemplifica o que é preconizado na portaria nº 959/2013 do Ministério da Educação, em seu Art. 2º, o qual define de forma indissociável, as atividades de ensino, de pesquisa e de extensão com foco nas inovações pedagógicas e na formação docente, desenvolvidas pelos CAp. Esperamos que os leitores e leitoras dos textos presentes neste dossiê celebrativo possam comprovar a importância das instituições de ensino básico dentro do espaço universitário federal nacional.

Ainda sobre os aspectos atinentes à reminiscência, que foi o mote à escritura dos textos ora reunidos, é importante discorrer a respeito da necessidade de percorrer os misteriosos caminhos trilhados pela memória, pois esse é um ato que requer muita atenção e acentuada disciplina, uma vez que tal feito implica imergir numa ampla esfera de indagações, a qual conduz para muito além das definições que a restringem a um mero arquivamento das informações pretéritas. Ao penetrar nesse vastíssimo campo, é importante considerar, sobretudo, que a rememoração das impressões vividas, trazidas para um tempo posterior através da função psíquica, porta o traço indestrutível da experiência. Até um determinado ponto, considera-se essa prática como característica da experiência singular, na medida em que está contida nas lembranças dos acontecimentos que compõem a vida interior do ser humano. É necessário atentarmos, entretanto, ao fato de que a experiência individual se desenvolve no convívio com um dado grupo social e que, muitas vezes, para construir a si próprio a pessoa precisa resgatar tal referência. Com isso, ele/ela penetra no campo da memória coletiva, ainda que permaneça, devido ao seu próprio ponto de vista, no âmbito da consciência pessoal. É prudente observarmos, ainda, que o vocábulo "experiência" abarca um conjunto de possibilidades, dentre as quais o tempo que nele está imbricado.

A tentativa de reter a memória é um convite à reflexão sobre o seu processo evolutivo. E, nessa ponderação, é imprescindível observarmos a transição da oralidade à

https://doi.org/10.22456/2595-4377.146249

escrita e, consequentemente, o quanto elas se aproximam da memória, uma vez que, para Le Goff[1],

> a utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta, quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isso significa que, antes de ser falada ou escrita, existe certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na memória (LE GOFF, 2003, p. 421).

Quando ponderamos sobre a posição do sujeito e de sua relação com a experiência, imediatamente refletimos acerca de quem atribui a si próprio o direito de transmiti-la. Em função disso, a discussão inicial sobre a rememoração nos remete à mitologia grega, em que se alude à Mnemosyne, "mulher de idade quase madura" (COMMELIN, 1978, p. 261)[2] que segura o queixo em atitude meditativa. Tal personagem mitológica, com efeito, era, para os gregos antigos, a mãe das musas: através de sua arte, o indivíduo criador tinha acesso à própria memória, ou melhor, às camadas mais profundas da lembrança coletiva. Com os gregos, assim, já se pode vislumbrar a natureza meditativa da atividade do artista: este é aquele que tem a função de estabelecer um elo entre os homens do passado, os do presente e os do futuro. Com a construção alegórica da deusa da memória, é possível observar um aspecto relevante no ato de representar essa entidade mitológica. Sua principal característica está relacionada às marcas temporais, uma vez que a escultura da deusa destaca, por meio dos aspectos exteriores, a idade avançada. Graças a essa caracterização física, a passagem do tempo se torna exteriormente visível. O dado temporal, com efeito, remete à lembrança de um passado caracterizado pelo acúmulo das experiências vividas. Essas, associadas à idade avançada, concedem à Mnemosyne o substrato tão caro à meditação, possibilitando o "exercício do pensamento sobre si mesma" (FOUCAULT, 1992, p. 133)[3], cujas sensações já experimentadas – além de serem reativadas – podem se organizar interiormente.

Então, a possibilidade de evocação – enquanto exercício do pensamento – é assinalada pelo ato de meditação. Atitude, aliás, praticada pelo indivíduo no presente, mas que lhe possibilita trazer à tona lembranças vividas ou presenciadas em determinado tempo e/ou lugar, revivendo, assim, sensações e imagens de outrora.

Neste dossiê, o ato de rememorar esteve presente do início ao fim no planejamento e na escritura dos textos. Dessa maneira, o(a)s autores/autoras dos textos, aqui reunidos, foram convidado(a)s a se transfigurarem em Mnemosyne, lançando-se ao passado com o fito de recuperar laivos memorialísticos de épocas pretéritas vividas e experienciadas em distintos períodos dos 70 Anos de História do Colégio de Aplicação da UFRGS. E nós, os organizadores deste dossiê lhes convidamos ao mergulho – que só é possível por meio da leitura deste compilado de textos – neste "mar de memórias", ora revolto, ora tranquilo sobre o passado que, muitas vezes, ecoa no presente (e quiçá no futuro) do nosso CAp/UFRGS.

Agradecemos aos(às) colaboradores/colaboradoras desta edição dos *Cadernos do Aplicação*, desejando que as memórias e que as histórias, aqui reunidas, oportunizem uma

[1] LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão *et al*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
[2] COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. Trad. Thomaz Lopes. Rio de Janeiro: Tecnoprint, Ediouro, 1978.
[3] FOUCAULT, M. "A escrita de si". *In*: *O que é um autor*? Trad. Antônio F. Cascais e Edmundo Cordeiro. Portugal: Veja-Passagens, 1992.

https://doi.org/10.22456/2595-4377.146249

experiência coletiva e individual capaz de suscitar nos(as) leitores/leitoras o interesse por conhecer um pouco mais sobre o universo pretérito do Colégio de Aplicação da UFRGS.

Sejam muito bem-vindo(a)s! Boa leitura!

Organizadores
Dr. Adauto Locatelli Taufer
Dr. Marcelo Gonçalves Maciel
Dr. Vanderlei Machado

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

COMMELIN, Pierre. **Mitologia grega e romana**. Tradução de Thomaz Lopes. Rio de Janeiro: Tecnoprint, Ediouro, 1978.

DUARTE. C. L.; CORTES, M; PEREIRA, M do R. A. **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Malê Editorial, 2023.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FOUCAULT, Michel. "A escrita de si". *In*: **O que é um autor?** Tradução de Antônio F. Cascais e Edmundo Cordeiro. Portugal: Veja-Passagens, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão *et al*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria nº 959, de 27 de setembro de 2013**. Dispõe sobre a regulamentação dos Colégios de Aplicação. Brasília, DF, 27 de setembro de 2013.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965